

A RETOMADA DE URUGUAIANA

"Quem não conhece o seu passado, dificilmente encontrará o caminho do futuro, porque não sabe onde se situa no presente."

CARLOS FONTTES

Da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

SUMÁRIO

- Introdução
- Antecedentes
- A ofensiva de Estigarribia
 - A defesa de Uruguaiana*
 - Uruguaiana é abandonada*
 - A tomada de Uruguaiana*
 - O sítio de Uruguaiana*
- A retomada de Uruguaiana
 - A rendição de Estigarribia*
- Um comentário final
- A Marinha em Uruguaiana (RMB/1962)

INTRODUÇÃO

A efeméride cultural brasileira ainda hoje menciona erroneamente o fato acontecido em Uruguaiana durante a Guerra do Paraguai. Autores consagrados, inclusive, comentam a Rendição de Uruguaiana, fato este veementemente contestado por alguns outros historiadores. Senão vejamos: um

simples pronome nos coloca em situação deprimente, como se a rendição fosse da cidade de Uruguaiana, e não em Uruguaiana.

Salientamos que, quando esta cidade foi invadida pelas forças paraguaias comandadas por Estigarribia, nada mais era do que uma vila deserta. A população local, antecipadamente, tinha se evadido para a

cidade de Alegrete. E a única rendição realmente acontecida foi a dessa força inimiga. Houve, sim, uma retomada da vila.

A fim de não cometermos quaisquer maledicências futuras, mencionamos esse feito como a RETOMADA, acontecida naquela vila em 1865.

ANTECEDENTES

Quando Carlos Antônio López, presidente do Paraguai, veio a falecer, seu filho Francisco Solano López sucedeu-lhe no governo em 16 de outubro de 1862.

Educado na França e possuindo ideologias napoleônicas, sentiu ser o momento para colocar em seu país suas idéias expansionistas, mas que haveria de trazer um período negro de miséria e desolação.

Como o Paraguai não dispusesse de saída direta para o mar, o futuro ditador decidiu obtê-la às expensas do Brasil, da Argentina e do Uruguai, podendo, assim, alargar também o seu território.

Já frustrado no seu intento de obter a mão da Princesa Isabel, aproveitou a questão acirrada entre o Brasil e o Uruguai, com Aguirre, que era seu amigo, no Partido Blanco, oferecendo-se para ser mediador, sendo recusado pelo Brasil.

Partiu então Francisco Solano López para a guerra, para a qual estava realmente preparado.

López conseguiu auto-suficiência bélica e industrial, contando, aproximadamente, com 80 mil homens em armas. Nessa ocasião, segundo afirmativa de alguns historiadores, o Brasil contava apenas com 36 mil soldados, mal fardados e dispersos.

Sua primeira grande ofensiva vem a acontecer a **12 de novembro de 1864**, quando apreendeu o Pacote *Marquês de Olinda*, que se dirigia à Província de Mato Grosso, levando a bordo o presidente daquela província.

Em vista de tais acontecimentos, foi assinado, em Buenos Aires, a 1º de maio de 1865, o Tratado da Tríplice Aliança, firmado entre Brasil, Argentina e Uruguai.

Na então Província do Rio Grande do Sul, quando de sua capitulação na vila de Uruguaiana, os invasores paraguaios tiveram o seu princípio do fim. É nesse acontecimento histórico que focalizaremos a RETOMADA da nossa cidade, na época apenas uma vila.

A OFENSIVA DE ESTIGARRIBIA

Solano López fez marchar sobre as fronteiras do Rio Grande um poderoso Corpo do Exército de aproximadamente 11 mil homens, sob o comando do Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia, que, a **10 de junho de 1865**, invadia a vila de São Borja, tendo havido, naquela localidade, grandes combates com as forças do Coronel João Manuel Mena Barreto.

Em 7 de julho, os paraguaios invadiam a já deserta Vila de Itaqui, depois de incendiar as estâncias por onde passavam, destruindo o que encontravam no caminho e enviando ao seu país todo objeto de valor encontrado.

Nas imediações do Ibicuí, devido às cheias daquele rio, e às suas pesadas carretas e canhões, os paraguaios tiveram sua marcha retardada. Para atravessá-lo, no Passo de Santa Maria, construíram uma passagem de pedras no Touro Passo. Após atravessar o velho Imabaá, tomaram a direção da Vila de Uruguaiana.

A defesa de Uruguaiana

O Brigadeiro David Canabarro, que, na época da invasão, comandava as duas divisões com a missão de vigilância das fronteiras das Missões e Quaraí, determinou que fossem construídas fortificações na vila;

mais tarde, por terem se tornado obsoletas, foram inutilizadas. Ele foi muito criticado por julgarem ter facilitado a invasão, sendo, inclusive, submetido a conselho de guerra e condenado; posteriormente foi absolvido.

O comandante da guarnição militar daquela vila, Capitão de Artilharia Joaquim Antônio Xavier do Vale (que se envolveu também num conselho de guerra), em vista da grande força que se aproximava, preparou um pequeno contingente de 300 homens, incluindo voluntários da localidade. Estavam com ele o Capitão-de-Fragata Pereira Lomba e o Tenente de Artilharia Floriano Peixoto, que se encontrava servindo em Uruguaiana, no Comando da 7ª Companhia do 2º Batalhão de Infantaria, desde dezembro de 1864, e trabalhava nas fortificações das margens do Rio Uruguai. Logo a seguir, Lomba e Floriano organizaram uma pequena flotilha para hostilizar os inimigos no Rio Uruguai.

Uruguaiana é abandonada

Por ordem de David Canabarro, foi determinado não oferecer resistência à invasão, tendo sido a vila evacuada e sua população dirigida, principalmente, para a cidade de Alegrete, enquanto aguardavam-se reforços.

Há certa controvérsia dos historiadores a respeito das ordens do Brigadeiro David Canabarro, quanto aos erros porventura por ele cometidos, pelo fato de não haver retirado da via de acesso utilizada pelo inimigo tudo que lhes pudesse servir, bem como de abandonar a Vila de Uruguaiana à própria sorte.

Já o historiador J.B. Magalhães, em sua obra *Osório – Síntese de seu perfil histórico*, nos esclarece que “o velho Canabarro havia sido de fato brutalmente injustiçado. Quiseram responsabilizá-lo por não haver barrado o caminho de Estigarribia, quando

essa responsabilidade cabia inteira aos descuidados dos que governam”.

Diz-nos ainda esse brilhante historiador que Canabarro, dispondo apenas de uma cavalaria improvisada, mal fardada, equipada e armada, jamais poderia deter seis mil infantes aprestados para a luta. “Tendo sido julgado, foi absolvido. Nem poderia ser de outro modo, e tanto mais que Osório, ao saber desta ocorrência, ‘fuma de raiva’, no pitoresco dizer de Almeida Rosa. Osório justifica plenamente a conduta de Canabarro, dizendo que este agiu de acordo com ele.”

A tomada de Uruguaiana

Conforme plano tático de Solano López, a invasão ao sul do Prata deveria proceder com a seguinte linha de ação: Estigarribia invadiria as fronteiras ao sul da província rio-grandense, enquanto o reforço secundário, ao comando do Major Pedro Duarte, invadiria pelo lado da Argentina. Essa força fora desbaratada em 17 de agosto, sob forte carga da vanguarda comandada por Flores, o que ficou conhecido como o **Combate de Jataí**.

Estigarribia avança resolutamente para a vila, com suas forças dispostas em três colunas, tendo ao centro o parque de artilharia e os meios de locomoção.

Nossas forças limitavam-se a observá-lo de longe, havendo, no entanto, pequeno engajamento do 17º Corpo Provisório, sob o comando do Tenente-Coronel Bento Martins de Menezes (Barão do Ijuí), tendo alguns de seus soldados sido aprisionados e degolados numa coxilha próxima ao antigo cemitério, às vistas de nossas forças.

Cerca das 11 horas do dia **5 de agosto de 1865**, os agressores investiram pelas ruas de Uruguaiana, dando início à ocupação daquela vila abandonada.

O Cônego-Vigário João Pedro Gay, cujo corpo se encontra sepultado na cripta da Catedral de Sant'Ana de Uruguaiana, nos relata o seguinte: "Os paraguaios entraram em Uruguaiana e encontraram mui poucas famílias, e essas eram todas estrangeiras. Não tiveram maior respeito com elas do que com as famílias que encontraram em São Borja e Itaqui. Primeiramente, saquearam as casas dos ausentes, tanto brasileiras

como estrangeiras, tanto particulares como edifícios públicos e casas de comércio. E durante o apertado sítio a que foram reduzidos, quando lhes faltaram os recursos nas casas dos ausentes, os foram procurar onde se achavam. E, finalmente, quando, poucos dias antes de sua rendição, consentiram que saíssem da vila as poucas famílias que tinham ficado dentro, a fim de lhes poupar as desgraças de um bombardeamento, os paraguaios se apoderaram de todos seus comestíveis e de todos seus interesses, levando, com bem poucas exceções, sua obra de destruição a todas as casas."

Não imaginavam os paraguaios que, no momento que davam vazão aos saques e destruições, bem próximo à vila estava sendo formado, no Passo de Santana Velha, um Exército com reforços enviados pelo General Osório, visando a sitiá-lo inimigo.

Mediante ordens do Imperador D. Pedro II, deslocou-se para o campo de batalha o General Manoel Marques de Souza, Barão de Porto Alegre, mais tarde conde com grandeza.

A 21 de agosto daquele ano, foi nomeado comandante-em-chefe do Exército em Operações na Província do Rio Grande do Sul, com o efetivo totalizando 19.500 homens (conforme arquivo histórico do Exército).

Hoje, o 8º Regimento de Cavalaria Mecanizada do Exército, sediado em Uruguaiana, ostenta a denominação histórica de Regimento Conde de Porto Alegre, em homenagem a esse grande militar da Arma de Cavalaria.

O sítio de Uruguaiana

No clarear do dia 17 de setembro de 1865, os Aliados, numa manobra formidável, sitiaram a vila por terra. Enquanto isso, tendo como aliadas as cheias do Rio Uruguai, a flotilha, agora constituída pelas Canhoneiras Taquari e Tramandaí,

pelos Vapores União, Onze de Julho e Uruguai e por duas chatas artilhadas (devido ser uma delas a *Incidiador*), corta uma possível fuga de Estigarribia pelo Rio Uruguai.

O inimigo, anteendo a superioridade numérica de nossas forças, constrói às pressas uma ampla trincheira, demarcando o perímetro da localidade.



D. PEDRO II NO CERCO DE URUGUAIANA
Óleo sobre tela da autoria de Vienot. Coleção do Príncipe D. João de Orléans e Bragança. (Está na cidade de Parati)

A RETOMADA DE URUGUAIANA

Devido à importância do evento, encontravam-se presentes o próprio Imperador Dom Pedro II e integrantes da Corte, tendo sido armada a barraca imperial na chamada Coxilha da Tríplice Aliança, onde, mais tarde, foi erigido um monumento localizado hoje na atual sede do Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Pago.

Na manhã do dia **18 de setembro de 1865**, os raios de sol iluminaram a tropa da Tríplice Aliança, que se preparava para uma marcha de aproximação da vila, onde dariam início ao combate. Ninguém faltou à chamada.

Este Exército formava uma linha côncava, mas sensivelmente paralela à direção geral do rio. Ao contrário do que era de se esperar, o antigo cemitério da vila não entrou no sistema defensivo do inimigo.

Toda a nossa artilharia estava em bateria, com 24 peças argentinas, oito orientais e 24 brasileiras, segundo menciona o Coronel Augusto Fausto de Souza em sua obra *Redenção de Uruguaiana*, publicada mais tarde. Ainda o mesmo autor nos esclarece que, naquele memorável dia, quando tudo estava preparado para o combate, com os dispositivos prontos, o Conde de Porto Alegre enviou, pelo seu ajudante-de-ordens, o Capitão Manoel Antônio da Cruz Brilhante, as condições impostas à rendição do comandante paraguaio, concedendo-lhe o prazo de duas horas para sua capitulação ou romperiam fogo, ordenando o assalto à vila.

De retorno daquela vila, seu ajudante-de-ordens informou que Estigarribia solicitava mais meia hora, por se achar em conselho, e que precisava de tempo.

Nova reunião se faz junto à Tríplice Aliança, em torno do Imperador, que, conforme narração do Conde D'Eu, em sua obra *Viagem Militar do Rio Grande do Sul*, encontrava-se em frente ao cemitério, entre os batalhões do Exército de Porto Alegre.¹

A rendição de Estigarribia

Aceitas as restrições, oferece-se então o Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, mais tarde Barão de Uruguaiana (9 de outubro de 1866), para ir pessoalmente levar ao chefe inimigo as últimas condições dos aliados.

Acompanhado do chefe do Estado-Maior do Exército do Conde de Porto Alegre, General Caldwell, do Major Miguel Meireles e do Major Amaral, dirige-se então o ministro às linhas fortificadas.

Feita a declaração de viva voz pelo ministro brasileiro, Estigarribia pediu-lhe que formulasse por escrito, a fim de se conferenciar com o seu Estado-Maior.

O Coronel Augusto Fausto de Souza, na obra citada, narra: "... e sendo trazido para esse lugar uma mesa, sobre ela foi escrita a nota e entregue a Estigarribia, que prometeu voltar com brevidade. Voltando em seguida Salvañac (secretário do comandante paraguaio), depositou nas mãos do ministro brasileiro a declaração do chefe inimigo, rendendo-se com a força a seu mando e pedindo a S.M. o Imperador do Brasil que fosse a garantia desse ajuste".

Transcrevemos na íntegra essa declaração:

"Commando da Divisão Paraguaya na villa sitiada da Uruguayana, **18 de setembro de 1865**.

1. N.A.: Pela descrição da localidade e pelo que hoje se deduz da topografia e relevo, muitos anos mais tarde ali construiu-se o IRGA - Instituto Rio-Grandense de Arroz, onde, em suas escavações, foram encontradas muitas ossadas e, em frente, onde hoje se encontra o Parcão que leva o nome daquele monarca, esteve a primeira estação ferroviária.



RENDIÇÃO DOS PARAGUAIOS EM URUGUAIANA (18 de setembro de 1865)

(Original óleo sobre tela de Angelo Agostini)

Momento histórico em que as forças do Paraguai eram apresentadas ao Imperador Dom Pedro II, em Uruguaiana. Da esq/dir: Padre Duarte (ajoelhado); Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia (com boné na mão); Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz; S. M. D. Pedro II (de poncho); Coronel D. Venancio Flores; General D. Bartolomeo Mitre (à frente); S. A. Conde D'Eu (só a cabeça); Duque de Caxias; Conde de Porto Alegre (de perfil)

O abaixo assignado acceta as proposições de S. Ex. o Ministro da Guerra e deseja unicamente que sua Magestade o Imperador do Brasil seja o melhor garante deste ajuste.

A elle e a V.Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me às condições prescrictas por V.Ex.

O abaixo assignado espera que V.Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição – Antonio Estigarribia.”

Enquanto isso, nossos cavalariános, no afã de suas curiosidades e no desejo de verem de perto aqueles tão famosos inimigos, precipitaram-se na mesma direção, por conta própria, quebrando até mesmo ordens superiores, e de lá retomaram com soldados de Estigarribia na garupa de suas montarias.

Pouco depois, regressava o ministro da Guerra, acompanhado do comandante paraguaio, seus oficiais e do famoso Padre Duarte, que, ao entregar o documento de capitulação, fez a entrega da espada do chefe paraguaio ao Imperador, que, na mesma hora, deu ao ministro a espada,

como recompensa aos serviços que prestara naquele dia.

Ato contínuo ao protocolo de praxe, realizou-se, a seguir, um desfile das tropas prisioneiras, formadas por dois, em presença do Imperador e dos chefes das nações aliadas, onde deixaram seu armamento.

Em relação a esse memorável acontecimento, que não teve derramamento de sangue graças, em grande parcela, à diplomacia do Conde de Porto Alegre, ainda nos diz o Conde D’Eu que, “terminado o desfile dos inimigos, entrou por fim o Imperador na vila, acompanhado dos chefes aliados. Já era noite...”

UM COMENTÁRIO FINAL

Julgamos, pois, do exposto nesta brilhante página que a história enaltece em nossa cidade, que, desde aquele momento em que o Tenente-Coronel Estigarribia, perante o ministro da Guerra, parla-

mentar das forças ora sitiadas, fora levado em presença do Imperador, e, conforme historiadores da época, aqui referenciados, aproximava-se da cidade, ele já era um prisioneiro das forças da Tríplice Aliança, pois



Barão de Uruguaiana

o que deve caracterizar uma rendição de uma força à outra é o ato da oposição de assinaturas por quem de direito, no documento pelo qual o comandante vencido se submete, incondicionalmente, ao vencedor.

Após a capitulação do Exército paraguaio em Uruguaiana, naquele memorável 18 de setembro de 1865, a vila, que tão atrevidamente haviam depredado, apresentava-se aos olhos dos que retornaram em completa ruína. O retorno dos moradores a seus lares era digno de lástima e desolação. Algumas casas encontravam-se arrasadas, outras achavam-se tão estragadas que não podiam abrigar seus

donos. Ninguém achou seus móveis e as casas mais poupadas (eram poucas) não tinham portas nem janelas.

Uruguaiana não teria sido abandonada se o governo imperial houvesse deixado naquele local uma forte guarnição e uma estação naval (essa, mais tarde, transferiu-se para Itaquí*).

Que o heroísmo de nossos antepassados seja sempre exaltado com o nosso civismo, para que não sirva de motivo para melindres e suscetibilidade. "Quem não conhece o seu passado dificilmente encontrará o caminho do futuro, porque não sabe onde se situa no presente."

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> / Rendição e retomada de Uruguaiana /; Guerra do Paraguai; Estigarribia, Antonio de La Cruz (Coronel do Exército do Paraguai); D. Pedro II; Marques de Souza, Manoel (General brasileiro); Conde de Porto Alegre; Canabarro, David (brigadeiro brasileiro);

A MARINHA EM URUGUAIANA

(Transcrição parcial do Noticiário Marítimo da *RMB* do 3º trim./1962, p. 200)

Ao transcurso da Semana da Marinha de 1961, encontrava-se em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, o Exº Sr. General-de-Divisão, Professor Jonas Correia, então em visita, com sua digníssima senhora e um filho jovem, culto e valoroso oficial do Exército. (...) Instado em cima das comemorações a ocupar o microfone da Rádio Charrua, foi com esta patriótica, primorosa, erudita e encantadora oração que se fez festejar e aplaudir, calorosamente:

"Para atender a uma convocação do distinto Capitão dos Portos Fluviais do Rio Uruguai, em exercício, o meu eminente amigo, Capitão-de-Corveta Herculano Pedro de Simas Mayer, muito me honro de falar ao nobre povo de Uruguaiana, através da conceituadíssima estação Rádio Charrua, em toda a extensão da nossa Pátria, aqui poderão e deverão ter um alto, vivo, expressivo sentido.

Esta cidade, esta próspera lindeira, é bem uma atestação de que a nossa Marinha de

* N.R.: Ver, do mesmo autor, "Flotilha do Alto Uruguai em Itaquí", *RMB* 1º trim./2000, página 197.

Guerra tem sabido cumprir o seu dever no curso de sua destinação histórica.

Importa lembrar isto, aqui e hoje, uruguaianenses, como uma homenagem que vos tributo, conhecedor e amante da vossa história, tão fulgurantemente engastada na grande história da grande Pátria.

Mas também para realçar o papel desempenhado pelos nossos marinheiros, com Tamandaré à frente. E evocarei um episódio, entre muitos, de que estão refeitos os caminhos de sacrifícios e de glórias, da nossa Armada. Precisamente, aquele ocorrido nas águas do Rio Uruguai, colaboradoras e testemunhas do vosso progresso.

Dentro de quatro anos, celebrareis o centenário da ação militar, de que resultou a redenção da cidade, em 18 de setembro de 1865 ("A Redenção de Uruguaiana" / Histórico e

considerações acerca do sucesso de 18 de setembro de 1865, na Província do Rio Grande do Sul / por Augusto Fausto de Souza/ Tenente-Coronel do Exército e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, in *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo L, (50), 1^o folheto de 1887 (Parte Primeira), Rio de Janeiro, Tipografia... de Laemmert & C..., em 1887).

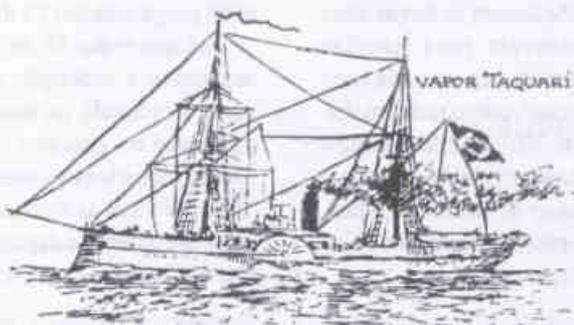
Desde 10 de junho, os invasores paraguaios, sob o comando do Coronel Estigarribia, cruzando o rio, investiram São Borja, aí entrando dois dias depois, em face da corajosa resistência que encontraram.

Mas a guerra tem seus azares e esta cidade de Uruguaiana veio a experimen-

tar as angústias de uma ocupação bélica adversa, a partir de 5 de agosto, a qual duraria cerca de 45 dias. Imaginei as agruras sofridas pela população, pequena em quantidade, mas brasileira em qualidade, e isto mobilizava energicamente toda a Nação, que se dispôs em sua ajuda e seu socorro, enviando a estas plagas o próprio Imperador!

E a Marinha? No que seja de sua competência, hoje como ontem, nos mares, nos rios e nas lagoas, está ela presente, zelando, pugnaz e severa, pelos nossos direitos e interesses. Assim, os briosos marinheiros, vencendo as incertezas de um regimen

fluvial caprichoso, conduziram até aqui uma esquadriha composta dos vapores de guerra *Taquari* e *Tramandaí*, e de duas chatas armadas, sob o comando do Capitão-de-Fragata



Vapor *Taquari*

Barbosa da Lomba (21 de agosto de 1865).

E eis começa a ação de presença dos nossos barcos: tiram aos ocupantes, a um só tempo, a possibilidade de qualquer comunicação pelo rio, e a esperança de virem a receber reforços; promovem o transporte das forças nossas aliadas dos Generais Flores (uruguaio) e Paunero (argentino); e completam o cerco em que, afinal, se iriam desmoralizar e consumir os arrogantes e bombásticos guaranis.

(...)

Aquela força-tarefa seria acrescida, dias após, dos vapores *Onze de Junho* (31 de agosto) e *Iniciador* (10 de setembro). Mais uma vez, vale salientar as qualidades do nosso marujo, na figura representativa do Patrono

da Marinha Nacional, o Almirante Marquês de Tamandaré, então Visconde. Foi ele – confirmando, por antecipação, o juízo de Bilac sobre os nossos homens do mar, dizendo deles que são antes diplomatas do que guerreiros (*Últimas conferências e discursos*, Editora e Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1927, pág. 341) – quem trouxe, para empenhar no cerco a que era submetido Estigarribia, o General Mitre, seus ajudantes e o batalhão argentino de Santa Fé; foi ele quem apoiou o Barão de Porto Alegre numa disputa com o General Flores, e o fez com firmeza e percuciência tais que o futuro iria corroborar seu gesto. A sua presença entre as autoridades que chefiavam as forças aliadas, que se aprontavam para libertar Uruguaiana – Uruguaiana era, naquela conjuntura, uma ‘povoação’, como reza um documento oficial! (Doc. VIII, de 2 de setembro de 1865, A. Fausto de Souza, *ibidem*, p. 62) – constituía-o um garante de equilíbrio e persuasão, dadas a sua pessoa mesma e os elementos sob o seu direto comando.

Mas já os invasores sentiam aproximar-se o término fatal de sua imprudente e atroz arremetida contra esta bela cidade. Tanto que uma noite (16 de setembro) intentaram fugir, incursionando pelo rio: porém, a *Taquari*, vigil e insone, com alguns canhões, aclarando as trevas e ameaçando aquelas criaturas em pânico, obrigou-as a uma revocação inapelável...

Já antes, essa mesma *Taquari* envaidecera-se de acolher o nosso Imperador e os oficiais-generais aliados, provindos de uma conferência no *Onze de Junho*, e que a bordo dela iriam realizar, durante mais de duas horas, um meticoloso reconhecimento da praça sitiada (13 de setembro).

Até que o dia 18 de setembro de 1865 ocasionou a redenção desta Uruguaiana, cuja estoicidade os historiadores, principalmente os gaúchos, devem pesquisar com mais carinhoso interesse e zelo.

Espero que as minhas palavras concorram para exaltar o conceito da nossa Marinha de Guerra entre vós, uruguaienses!"

A vida é um sonho: Realize-o.

Madre Tereza de Calcutá

(Do BIT-46 de junho de 2001)